



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
LICENCIATURA EM LETRAS: LÍNGUA PORTUGUESA/ LÍNGUA  
INGLESA/ LIBRAS

**CARINA BRITO QUEIROZ PEREIRA**

**BASTARDIA, DESMEDIDA E VIOLÊNCIA EM *A GUERRA DOS  
BASTARDOS* DE ANA PAULA**

Amargosa-BA

2021

**CARINA BRITO QUEIROZ PEREIRA**

**BASTARDIA, DESMEDIDA E VIOLÊNCIA EM *A GUERRA DOS  
BASTARDOS* DE ANA PAULA MAIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de licenciada em Letras: Língua Portuguesa/ Libras no Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Orientador (a): Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Mônica Gomes da Silva.

Amargosa-BA

2021

## FOLHA DE APROVAÇÃO

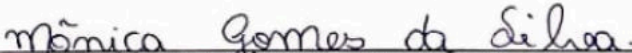
**CARINA BRITO QUEIROZ PEREIRA**


**BASTARDIA, DESMEDIDA E VIOLÊNCIA EM *A GUERRA DOS BASTARDOS* DE ANA PAULA MAIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Letras-Português, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, *campus* Centro de Formação de Professores, como requisito parcial para obtenção do grau de licenciado em Letras à seguinte banca examinadora.

Aprovada em 24/05/2021

### Banca Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> MÔNICA GOMES DA SILVA – Orientadora  
UFRB

  
\_\_\_\_\_  
PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> SILVANA CARVALHO DA FONSECA  
UFRB

  
\_\_\_\_\_  
PROF. DR. TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO  
UFRB

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por ter colocado todo o seu amor sobre minha vida e por ter me sustentado nessa caminhada.

Aos meus familiares, minha mãe Jucineide, meu esposo Umberto, meu filho Ezequiel, minha irmã e colega de curso Iara, meu muito obrigado por toda compreensão e apoio que me proporcionaram para, assim, conseguir realizar meu sonho.

Minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Mônica Gomes da Silva, minha gratidão por tudo que fizeste por mim para, assim, conseguir concluir este trabalho.

Enfim, obrigado a todos os colegas e amigos de curso que estiveram do meu lado me ajudando de forma direta ou, até mesmo, indireta para conseguir conquistar um passo tão importante na minha vida.

## RESUMO

O presente trabalho é uma pesquisa de cunho bibliográfico do livro *A guerra dos bastardos* (2007) da Ana Paula Maia (1977), tendo como objetivo analisar as questões referentes à violência. Observamos, na obra, que os violentos atos vivenciados e feitos por sujeitos identificados como bastardos que atuam em serviços esquecidos e sujos na sociedade, sendo rotulados como seres desprezíveis e incapazes de viver segundo as normas impostas pelos meios sociais. As humilhações realizadas contra os bastardos tendem em trazer traumas e consequências que os levam a práticas de uma vida criminosa. Para o estudo dessa obra, analisamos sobre o papel da literatura brasileira contemporânea e seu sensível olhar nas mazelas sociais que cercam uma sociedade problemática. E a reflexão sobre o surgimento das novas vozes e escritas que conseguiram espaços dentro da literatura e a visibilidade dos esquecidos e marginalizados socialmente. Escolhemos, também, analisar sobre as características que compõem a narrativa contemporânea e as cenas violentas e sangrentas em espaços urbanos através dos estudos dos autores Ângela Maria Dias (2005), Beatriz Resende (2008), Karl Erick Schøllhammer (2011, 2013) e Leyla Perrone-Moisés (2016), entre outros. Para a questão da bastardia, foram consultados os estudos de Howard Saul Becker (2008) e Maria Fernanda Garbero (2015).

**Palavras-chave:** Ana Paula Maia; *A guerra dos bastardos*; Literatura Brasileira Contemporânea; *Outsider*; Violência.

## SUMÁRIO

|          |  |           |
|----------|--|-----------|
| <b>1</b> | <b>INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>07</b> |
| <b>2</b> | <b>A INTEMPESTIVA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.....</b>                   | <b>09</b> |
| 2.1      | A narrativa contemporânea.....   | 11        |
| 2.2      | Cruéis cenas contemporâneas.....   | 14        |
| <b>3</b> | <b>A BASTARDIA: ALÉM DA VILANIA OU DA VITIMIZAÇÃO.....</b>                       | <b>18</b> |
| <b>4</b> | <b>ABANDONO, VIOLÊNCIA E TRABALHO SUJO EM <i>A GUERRA DOS BASTARDOS</i>.....</b> | <b>24</b> |
| 4.1      | Narrar (d)a invisibilidade.....  | 25        |
| 4.2      | Para a bastardia: violência e trabalho sujo.....                                 | 26        |
|          | <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>   | <b>37</b> |
|          | <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>39</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

A autora Ana Paula Maia (1977), nascida em Nova Iguaçu (RJ), escritora negra considerada um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea. Maia possui um perfil em suas narrativas de tratar da crueldade na sociedade brasileira contemporânea. A autora se distancia das tradicionais literaturas femininas, que estamos acostumados a ler e cria uma literatura de temas e tons fortes.

O livro em estudo *A guerra dos bastardos* (2007) apresenta uma narrativa brutal e fria com personagens inferiorizados e trabalhadores de empregos invisíveis. Existem profissões estigmatizadas que possuem grandes valores sociais, a exemplo disso, temos os profissionais que varrem e coletam lixo nas ruas e se não houvesse trabalhadores que atuassem nessas áreas, certamente, a vida urbana seria muito mais difícil de viver. Reconhecendo a importância desses profissionais, Ana Paula Maia os coloca como centro de seu projeto literário de abordar “o trabalho dos outros” (MAIA, 2015, p. 369). Dentro dessa perspectiva, para tratar desses temas, a monografia recebeu o título: “Bastardia, desmedida e violência em *A guerra dos bastardos* de Ana Paula Maia”.

As seções são compostas com temas que nos ajudam a compreender sobre literatura brasileira contemporânea, suas características na prosa ficcional e o surgimento de novos autores. Além disso, o estudo se volta para a construção identitária dos protagonistas da obra analisada que surgem de acordo com os contextos sociais que os rodeiam e os fazem agir de maneira perversa com os outros e, às vezes, até consigo mesmos devido às profissões que exercem.

A segunda seção irá tratar sobre a intempestiva literatura brasileira contemporânea, com as subseções “A narrativa contemporânea” e “Cruéis cenas contemporâneas”. A literatura brasileira contemporânea passou a abrir caminhos para vozes excluídas na literatura como as mulheres, os moradores de áreas periféricas e os negros. Com a literatura brasileira contemporânea de portas abertas para novos autores, eles escrevem com autonomia e são capazes de percorrerem o passado a fim de encontrar respostas para o presente e, até mesmo, conseguir pensar no futuro.

Dessa forma, conseguem ver e compreender as dores dos outros e, a partir dessas compreensões, esses escritores se encarregam de trazer para a literatura esse olhar que foge de qualquer comodidade em relação às injustiças sociais e através de suas escritas se expressam diante das realidades existentes.

As cruéis cenas contemporâneas, apresentam uma estética sangrenta com crimes bárbaros que podem levar a uma reflexão de quem estar lendo sobre os caminhos que trouxeram os criminosos agirem assim. A violência faz parte do cotidiano das cidades, e os noticiários sempre expõem crueldades vivenciadas por vítimas e os autores dos delitos são vistos como vilões. A literatura, por meio das narrativas contemporâneas, surge para fazer leitores repensarem sobre essa concepção e pensar se tais comportamentos podem estar atrelados a um desejo de sobrevivência devido a uma sociedade que por lei diz que todos são iguais, mas na realidade percebemos que essa igualdade não existe.

Na terceira seção intitulada como “A bastardia: além da vilania ou da vitimização”, tivemos o cuidado de ir além do conceito de vilão e vítimas. Trouxemos, primeiro, o significado do termo bastardia que está relacionado a pessoas que são frutos de relacionamentos fora do casamento e por fazer parte dessa quebra de padrões sociais se tornam motivos de falta de respeito e confiança para aqueles, que se consideram padronizados perante às normas que a sociedade dita como correta.

Ao serem renegados esses sujeitos vivem traumas, muitos sofrem quietos sem expor seus sentimentos, mas outros não suportam e transferem toda dor que sente nos outros e passam a realizar crimes. A literatura contemporânea, por sua vez, não se detém em abordar temas como estes e assumem um lugar de denúncia a fim de expor o que realmente acontece e o que está por de trás de tantos atos feitos sem medidas.

A quarta seção intitulamos como: “Abandono, violência e trabalhos sujos em *A guerra dos bastardos*” composta pelas subseções: “Narrar (d)a invisibilidade” e “Para a bastardia: violência e trabalho sujo”. Maia trata em sua escrita personagens que passaram por abandono familiar e a sociedade os tratam como seres bastardos e indignos de viverem em sociedade. A invisibilidade se faz presente no romance de Ana Paula Maia. Observamos que cenas narradas se passam em espaços sujos e a desvalorização da vida humana começa a partir desses ambientes imundos. Destacam-se, ainda, as comparações de colocar sujeitos comparados a animais.

A última subseção, descrevemos sobre os bastardos, que trabalham em profissões esquecidas e dentro desses ambientes de empregos sofrem humilhações, práticas violentas com o uso do próprio corpo e são violentos com os outros. Os protagonistas maianos aprendem desde cedo que a violência e a profissão do trabalho sujo são os caminhos que lhes restam para a sobrevivência. Por fim, tecemos as considerações sobre o trajeto percorrido de análise da obra.



## 2 A INTEMPESTIVA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

*Perceber no escuro do presente essa luz que procura nos alcançar e não pode fazê-lo, isso significa ser contemporâneo.*

Giorgio Agamben.

A partir da década de 1990, a literatura brasileira começou a instaurar novas questões a partir do surgimento de novas vozes no espaço literário, havendo uma maior abertura em relação às heterogeneidades não contempladas anteriormente. Por seu turno, o cânone, na atualidade, passa a ser analisado com a perspectiva de compreensão da nossa história literária, permitindo que os novos escritores possam pesquisar e propor releituras críticas em contraponto ao momento presente.

É dado o nome de contemporâneas para as novas vozes literárias não somente para substituir a nomenclatura “pós-moderno”, mas para adentrar numa nova concepção, entendendo-se que o ser contemporâneo expressa melhor essa nova etapa da literatura brasileira. Segundo Karl Erick Schøllhammer (2011, p. 9-10), relendo o texto seminal de Giorgio Agamben, “O contemporâneo é aquele que, graças a uma diferença, uma defasagem ou um anacronismo, é capaz de captar seu tempo e enxergá-lo. Por não se identificar, por se sentir em desconexão com o presente, cria um ângulo do qual é possível expressá-lo”.

Por este viés, os autores percorrem novos caminhos e trabalham de forma concentrada os tempos, no sentido de tratar as relações entre eles. Os escritores não buscam apenas o que está acontecendo, mas dinamizam a linha temporal, fazendo convergir o passado, que não está muito distante de seus dias, captando sua ressonância no presente, ao mesmo tempo em que lançam seu olhar para o futuro. Com isso, não se restringe ao presente, ou seja, o pertencimento inescapável ao seu tempo, mas não se limita a ele.

Dessa maneira, os autores têm o desafio de juntar o que está disperso, fazem relação entre os tempos, enxergam o que está desfeito, quebrado e tratam a fim de representar as dores e os sofrimentos alheios. Considerando isso, a intempestividade da literatura brasileira contemporânea *presentifica* as desconexas, violentas e múltiplas realidades do nosso tempo, em conjunto com o que já foi vivenciado, propondo uma compreensão e uma percepção dos problemas que assolam o ser humano nos dias correntes.

Com isso, a literatura brasileira, aos poucos, começou a ganhar espaços no sentido de contribuir com um olhar voltado às questões que atingem a sociedade brasileira, no intuito de conseguir enxergar os problemas e as mazelas que nos assolam. Nesse sentido, os autores

contemporâneos retratam em suas obras o que conseguem visibilizar e perceber no escuro, sabendo que “a sua ‘realidade’ mais real só poderá ser refletida na margem e nunca enxergada de frente ou capturada diretamente” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 11).

A literatura não consegue ver os problemas e deixar de lado, vai em busca de respostas para entender as precariedades e romper, assim, com a ausência e a invisibilidade social. Nesse sentido, ocorreu uma fratura com os enredos e vozes tradicionais, pois essa nova era literária permite que o negro, a mulher, os homossexuais e os diversos trabalhadores que ocupam profissões invisíveis na sociedade sejam personagens das narrativas.

Além disso, a literatura contemporânea abre espaço para vozes que eram excluídas por serem pertencentes a periferias, como os jovens negros que surgem para narrar vidas de pessoas que vivem às margens do esquecimento social e são vítimas da exclusão, acarretando num “ressurgimento de uma nova literatura testemunhal” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 58). Por outro lado, diante da demanda de hiper-realidade, o “escritor brasileiro se depara logo de saída com o problema de como falar sobre a realidade brasileira quando todos o fazem e, principalmente, como fazê-lo de modo diferente, de modo que a linguagem literária faça uma diferença.” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 56).

É nessa perspectiva que compreendermos a produção de Ana Paula Maia, especialmente, em sua obra *A guerra dos bastardos* (2007), livro objeto deste trabalho, capaz de tratar nas linhas o intolerável, mas a fim de despertar no leitor reflexões sobre o tempo presente. Assim, a denúncia das mazelas sociais, das violências são vistas nas obras da contemporaneidade como demandas intempestivas, isto é, urgentes de visibilidade. Apesar dessa literatura tratar o intolerável, também é escrita com um toque de leveza que “não exclui a dimensão pessoal e íntima” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 15), unindo duas pontas da narrativa brasileira que apareciam em conflito desde o século XIX.

Nesse sentido, para fundamentar a análise do romance *A guerra dos bastardos* de Ana Paula Maia, esta segunda seção se detém em algumas das características da narrativa brasileira contemporânea, partindo dos estudos de Karl Erik Schøllhammer (2013) e Leyla Perrone-Moisés (2016), concentrando-se, especialmente, nas três questões dominantes nessa ficção — a *presentificação*, o retorno do trágico e a violência nas grandes cidades — de acordo com o trabalho de Beatriz Resende (2008). Contudo, conforme Beatriz Resende destaca, o centro organizador é o tema da violência que envolve essas narrativas numa demanda realista e urgente. O tema da *presentificação* é o destaque da primeira subseção. Os demais princípios, violência nas grandes cidades e o retorno do trágico, são abordados com o

aprofundamento da representação da violência, apontado por Resende, utilizando-se, também, dos estudos de Ângela Maria Dias (2007) e Karl Erik Schøllhammer (2013).

## 2.1 A narrativa contemporânea

Nas narrativas contemporâneas, as escritas carregam um potencial de levar os leitores a lugares em que não foram vistos antes. Os autores se permitem o confronto com o atual, fugindo de qualquer conformismo, sendo expostas realidades de vidas de seres comuns, mas que carregam bagagens do abandono dentro de si mesmas. As narrativas possuem legitimidade, pois os escritores se propõem em observar as experiências, ouvem e adquirem informações e vão em busca de respostas para escreverem suas narrativas e se posicionam, assim, perante o atual.

Sendo assim, as narrativas da literatura brasileira contemporânea são tocadas pela inconformidade perante os acontecimentos sociais vistos, funcionando como uma espécie de luz no escuro que tratam de fatos, tempos e lugares difíceis de serem alcançados. Pensar no que se passou, viver seu tempo e pensar para além, ocasiona um desconforto doloroso. Em conformidade com essa perspectiva, Resende aponta que:

Rememorar o passado, prever o futuro, duas tarefas penosas para quem se interessa por arte e cultura. A dor, melancolia, a saudade nostálgica ou, bem mais raramente, o consolo das lembranças de tempos melhores perseguem os que se debruçam sobre os relatos de experiências terminadas. (RESENDE, 2008, p. 7).

De acordo com a crítica, o contemporâneo, além de ter o olhar atento para as questões passadas, presentes e futuras, sobrevive com as lembranças, sejam elas boas ou ruins. Dessa forma, tornam-se dolorosas as experiências vivenciadas pelo contemporâneo que dispõe seu tempo para mergulhar nas lembranças e colocar seu pensamento na esperança de dias melhores. Sendo assim, o contemporâneo se dispõe a enfrentar o que muitos não têm coragem ou não conseguem encarar para compreender a realidade através do que presenciou ou viveu.

Na tendência de se deter nas questões sociais e, sobretudo, das injustiças que existem nelas, sobressaem, nas obras, as formas que as pessoas buscam para sobreviver. Considerando isso, a violência surge como uma das alternativas de sobrevivência para os sujeitos que estão posicionados nas margens do baixo prestígio social. Ao escrever sobre a violência e os fatores que a envolvem, é observado o espaço urbano periférico, dando a primazia aos personagens que, também, não são privilegiadas socialmente. Os autores passam por um desafio de,

literariamente, tornar evidente a “realidade mais próxima em sua real complexidade” (SCHØLLHAMMER, 2011, p. 56).

A sensação de perda de segurança e o medo constante são marcas dessa contemporaneidade. Mesmo sem sair de nossas residências é possível escutar e ver a violência nos meios de comunicação. A rotina de violência em nossos dias, marcada pela falta de igualdade entre muitos seres humanos, a pouca valorização do trabalho, a falta de educação e o abandono são fatores que contribuem para as mazelas sociais.

Por este viés, a violência nas grandes cidades é um tema que caracteriza as obras contemporâneas, com suas disputas pela vida e as tentativas desesperadas de sobrevivência, indo, até mesmo ao extremo, com a presença constante da morte. Todos os perigos possíveis e os atos violentos, que as grandes metrópoles concentram, deixam reflexões para o leitor sobre como o abandono social repercute nas vidas dos moradores de grande centros. Assim, tornam-se dramáticas as condições que os sujeitos vivem, impondo ao leitor um desafio de refletir sobre esse vale-tudo dos dias atuais. A literatura, nesse sentido, age como uma espécie de denúncia contra as autoridades e a sociedade, em geral, que se ausentam em proporcionar melhores condições de vidas para as pessoas.

O sentido de urgência advindo desse confronto com o real, contrário a um mundo de leituras objetivas e imediatas, se dá pelo que Beatriz Resende denomina de *presentificação*:

Diante das novas configurações do espaço geopolítico e de diferente organização do tempo, premido pela simultaneidade, as formações culturais contemporâneas parecem não conseguir imaginar o futuro ou reavaliar o passado antes de darem conta, minimamente, deste presente que surge impositivo, carregado ao mesmo tempo de seduções e ameaças todas imediatas. (RESENDE, 2008, p. 27).

É destacado, também, o fato que os novos escritores não esperam mais pelas mediações das editoras para suas escritas serem divulgadas, as novas vozes querem que suas narrativas cheguem de forma, rápida nas mãos dos leitores. Beatriz Resende (2008, p. 17) afirma, ainda que “A verdade é que os jovens escritores não esperam mais a consagração pela ‘academia’ ou pelo mercado”. Segundo a autora, os novos autores agarram-se nas oportunidades que lhe são ofertadas para divulgarem suas obras e não esperam mais pelas editoras para assim, serem divulgados seus trabalhos e, dessa forma, a facilidade da exposição dos seus textos é maior. Uma das ferramentas que viabilizam a divulgação dos textos, para os novos autores, é a Internet.

Para Resende (2008, p. 15), “precisamos deslocar a atenção de modelos, conceitos e espaços que nos eram familiares até pouco tempo atrás”. Para a crítica é preciso refletir ao se

deparar com a nova era da escrita contemporânea, é preciso desapegar-se dos conceitos tradicionais do século passado e aceitar o novo perfil literário. É preciso que haja conhecimentos tecnológicos, aprofundar-se em termos que estão presente no mundo digital para assim, adentrarmos no universo atual que nos rodeiam. Visto que são grandes as oportunidades dos novos escritores apresentarem seus textos e, por essa consequência, os leitores adquirem com maior facilidade as leituras.

Segundo Schøllhammer (2009, p. 13), “As novas tecnologias oferecem caminhos inéditos para esses esforços, de maneira particular, com os *blogs*, que facilitam a divulgação dos textos, driblando os mecanismos do mercado tradicional do livro”. Nessa perspectiva de trazer as realidades sociais na literatura, os autores atuais têm a possibilidade de propagarem, de forma mais rápida, suas obras através da Internet.

Nessa perspectiva, os *blogs* são meios que a tecnologia oferta para as novas vozes divulgarem suas obras, é preciso entender que essa ferramenta tecnológica cria uma relação mais íntima entre escritores e leitores e dessa forma, quem faz leituras através desse meio tem a oportunidade de conhecer melhor os autores e apropria-se das literaturas com baixo custo financeiro, sem falar na flexibilidade de tempo para exercer as leituras. O uso dos *blogs* para expor as narrativas promove a comunicação entre escritor e público e descarta a possibilidade de terceiros serem mediadores entre ambos, assim como, afirma a Beatriz Resende (2008, pp. 27-28):

Com a decisão de intervenção imediata de novos autores no universo da produção literária, escritores moradores da periferia ou segregados da sociedade, como os presos, que eliminaram mediadores na construção de narrativas, com novas subjetividades fazendo-se definitivamente donas de suas próprias vozes.

Nesse sentido, os autores novos conseguem ser donos de suas próprias vozes e dos seus textos, com uma liberdade maior para se apresentarem como escritores. Além disso, entende-se que, com os recursos tecnológicos, a acessibilidade de chegarem as obras nas mãos dos leitores se torna mais rápida e de baixo custo, além de proporcionar um acesso em todos os lugares. E para o escritor contemporâneo é proporcionado um engajamento rápido para suas produções serem conhecidas. Além disso, alguns dos recursos dos meios tecnológicos se plasmaram à linguagem literária.

Nessa perspectiva, da literatura ter a possibilidade de não estar apenas em papel, é possível perceber que quando ocorre, a substituição das linhas escritas para as linhas digitalizadas, as repercussões dos novos autores têm sido mais viável para eles. A partir disso, as editoras mais tradicionais acabaram percebendo a nova tendência e ratificando a chegada

das novas vozes no mercado literário. Crítica em relação a este fenômeno, Leyla Perrone-Moisés (2016, p. 46) sustenta que:

As novas tecnologias, por enquanto, não modificaram muito a textualidade literária. Os programas informacionais de redação mantêm o modelo do livro impresso: paginação, uso de tipos e sinais gráficos. Eles apenas aumentaram a velocidade do registro verbal e de suas correções apagando seus rastros. No uso cotidiano, informativo e prático, a computação habituou os leitores aos textos curtos. Curiosamente, o que se observa atualmente na literatura impressa é, pelo contrário, uma tendência à publicação de livros cada vez mais volumosos, qualquer que seja o gênero. A internet tem permitido a autopublicação de novos escritores, mas não modificou substancialmente seus procedimentos estilísticos. E a ambição da maioria desses novos autores é ver suas obras publicadas como livros pelas grandes editoras.

A exemplo disso, temos a autora Ana Paula Maia, que iniciou sua carreira na literatura, usando *blogs* e criando o “primeiro folhetim *pulp* da internet brasileira” (MAIA, 2007, orelha do livro). Com isso, as narrativas da literatura brasileira contemporânea, além de contribuir para despertar nos leitores uma crítica social, perceberam a demanda, desse mesmo público, pela rapidez, urgência de fatos e leituras acessíveis. A tecnologia, por sua vez, criou ferramentas que permitiram que as obras da contemporaneidade se encaixassem nesse perfil atual de leitor. Por outro lado, a escritora, hoje, tem a obra sendo editada e publicada por uma das maiores editoras do país, mostrando as duas faces da edição nos tempos digitais.

A narrativa brasileira contemporânea, além da *presentificação*, apresenta o retorno do trágico e a violência nas grandes cidades (RESENDE, 2008) em que “no cenário da cidade, o paradoxo trágico se constrói entre busca de alguma forma de esperança e a inexorabilidade trágica da vida cotidiana que segue em convívio tão próximo com a morte” (RESENDE, 2008, p. 31). É a respeito dessa relação que passamos à próxima subseção.

## 2.2 Cruéis cenas contemporâneas

Cenas cruéis de crimes são expostas, diariamente, pelos espaços de comunicação. Propomos pensar sobre tais exposições se há algo para além dos impactos de medo que essas cenas passam para o ser humano e se há o risco da banalização, tornando-se uma sucessão de imagens diárias que aparecem na televisão e mostram o que acontece de mais violento no país.

Em contrapartida, na literatura brasileira contemporânea, a presença de cenas violentas publicadas podem levar o leitor a enxergar o mundo de outra forma, pensar no que está para além da ação criminosa, e assim, entender o que se passou antes, nessas vidas pra chegarem a ponto de realizarem cruéis cenas. A respeito da presença da violência na literatura brasileira

contemporânea, Beatriz Resende destaca duas questões predominantes: o cenário urbano dessas ações e o retorno do trágico. Segundo Resende (2008, p. 30), “trágico e tragédia são termos que se incorporam aos comentários sobre nossa vida cotidiana, especialmente quando falamos da vida nas grandes cidades” e destaca as levas de despossuídos — imigrantes, refugiados, habitantes de periferias — que não conseguem se integrar no espaço urbano.

Dessa forma, compreende-se que a violência ocorrida no cotidiano urbano faz parte de uma disputa violenta entre as pessoas, no intuito, de adquirirem melhores condições de vidas, pois as cidades comportam numerosos índices de população, porém não possuem estrutura de igualdade para todos:

Em torno da questão da *violência* aparecem a *urgência da presentificação* e a *dominância do trágico*, em angústia recorrente, com a inserção do autor contemporâneo na grande cidade, na metrópole imersa numa realidade temporal de trocas tão globais quanto barbaramente desiguais. Na força deste cotidiano urbano onde o espaço toma novas formas no diálogo do cotidiano local de perdas e danos com o universo global da economia também a presentificação se faz um sentimento dominante e o aqui e agora se modifica pelas novas relações de espaços encurtados e de tragicidade do tempo. A cidade — real ou imaginária — torna-se, então, o *locus* de conflitos absolutamente privados, mas que são também os conflitos públicos que invadem a vida e o comportamento individuais, ameaçam o presente e afastam o futuro, que passa a parecer impossível. (RESENDE, 2008, p. 33, grifos da autora).

Para Schøllhammer (2013, p. 155), “não é de estranhar que a literatura também reflita essa preferência de temas e de conteúdos que nos devolvem uma experiência de leitura em contato com a realidade”. Portanto, percebe-se que entre as cenas da narrativa contemporânea existe um elo de aproximação entre a ficção e a realidade e, a partir disso, a literatura se apresenta como meio de reflexão para o entendimento do real.

As cenas violentas da literatura contemporânea passam por um cenário sangrento, por crimes tenebrosos, ligadas a questões como falta de oportunidade e condições de vida subumanas. Assim, o leitor, imerso na violência das cenas, sente-se como é estar inserido em uma sociedade de desigualdades. É nessa perspectiva que a Ângela Dias reflete sobre o tema:

A estreita relação que a literatura brasileira contemporânea tem mantido com a vida urbana vem configurando uma recorrente perplexidade diante da experiência histórica, ficcionalizada como absurda e inverossímil. Para além da crueldade da convivência nas metrópoles ocupadas pelo presente perpétuo das imagens e pelo cortejo dos males da desigualdade social, o real transparece como trama. (DIAS, 2005, p. 87).

As cenas são representadas por seres habitantes do submundo do crime, sujeitos à precariedade social, vivendo a desmedida de situações limites, com a ausência de escolaridade a ponto de usarem, em suas falas, linguagens pertinentes a seus estilos de vidas. De acordo

com Schøllhammer (2013, p. 55), sobre a materialidade linguística em algumas obras, “às vezes a linguagem era a da própria marginalidade criminosa, que eliminava qualquer distanciamento moral em relação ao tema”. Assim, o cenário, além de apresentar as cruéis violências, não dispensam de usar um língua atribuída a essas condições de vidas.

Encontra-se o realismo ressurgindo sobre as cenas que compõem as linhas dos textos pós-modernos e com a decorrência do passar dos anos foi ganhando ressignificação. A representatividade do real, através de detalhes minuciosos dos acontecimentos descritos, causa uma percepção de realidade da história narrada. De acordo com Schøllhammer (2013, p. 159):

O realismo, por sua vez, faz o paralelo entre a literatura e a representação da realidade que consiste em uma reflexão perante do que está sendo, apresentado. Diante, da estética da representação que simula o real, além de provocar o leitor a refletir, consiste também em ajudá-lo no melhor entendimento dos acontecimentos reais através da verossimilhança.

Assim, o realismo explícito nos textos descreve ações de violência nas áreas periféricas que são marcadas pela realidade de trágicos acontecimentos e ações criminosas que regem a todo instante esses espaços. Segundo Beatriz Resende (2008, p. 94): “É evidente que as vozes que falam das favelas e outras periferias discursam a partir de um espaço marcado sobretudo pela ausência do Estado”. A ausência do governo nas periferias e nas favelas reflete uma questão social marcada pelo abandono de investimentos dos políticos em não trazerem uma vida melhor para as pessoas. A falta de investimento social leva algumas pessoas cometerem ações de criminalidade no sentido de agarrarem-se a isso como forma de sobrevivência. Tingem-se de tons soturnos essas cenas extremamente marcadas por ataques cruéis de violência, como afirma Ângela Maria Dias (2005, p. 87):

A crueldade, entendida como o inescapável ou o insuportável do real, está obviamente referida, o seu característico excesso de cena revela paradoxalmente, um obsessivo empenho do narrador em confirmá-la, em agarrá-la, na sua extrema manifestação, para evitar que se esfume e desapareça.

Assim, para a crítica, as cenas que são apresentadas na literatura não estão meramente ligadas no real e não se opõem em representar as características do mundo marginal. Ao narrar, os escritores revelam, em sua escrita, a pura expressão do ódio, dos traumas e dos sangrentos acontecimentos, sem quaisquer restrições de detalhes, sejam eles físicos ou psicológicos, todos fazem parte da trama, sendo a densidade nítida sobre as linhas. Sem restrições de tratar um mundo sujo, as cenas, sem dúvida, deixam claras um mundo cruel, repleto de desmoralizações oriundas de desumanizações, os ambientes tratados de



personagens que vivem de trabalhos sujos e a presença animalesca que traduzem presença de sujeiras e ingratidões são apenas as mais características que descrevem os cruéis cenários.

Ao deparar-se com a escrita de Ana Paula Maia, é possível contemplar a presença de diversas imagens violentas, as cenas se dão em cenários tensos. A visão que os leitores enxergam são de uma explosão excessiva de crimes cometidos pelos protagonistas como forma de superação de suas dores e anseios por dias melhores. Diante de tais cenas, são despertadas, nas leituras, uma visibilidade desse mundo cruel, através dos relatos dos próprios personagens e, assim, conduzem ao leitor perceber nas obras que as cruéis violências servem de defesa para haver liberdades das opressões que cada um carrega dentro de si mesmo.

Desse modo, através da arte literária, tratam-se desses temas com o intuito de fazer os leitores terem a percepção das existentes desigualdades sociais. No entanto, a arte possui uma liberdade de se apresentar para o seu público de diversas formas, como a de trazer para além de cenas com uma estética brutal, um humor ácido que agrega uma forma possível de digestão das leituras que são feitas de uma sequência de cenas sangrentas.

A obra maiana a ser analisada constitui-se de cenas de perfil estético brutal. Seus protagonistas são vistos em guerra com a sociedade que os marginalizou, sem descuidar da abordagem do íntimo desses seres. Dessa forma, o cenário ficcional contemporâneo denuncia uma sociedade marcada pela invisibilidade desses indivíduos, propiciando uma mistura de uma diversidade de sofrimentos.

### 3 A BASTARDIA: ALÉM DA VILANIA OU DA VITIMIZAÇÃO

*Afinal, não há quem se responsabilize ou cuide dos bastardos. Para com elas, não há afeto, nem reconhecimento, ainda que representem a imagem invertida de nossa face cruel.*

Maria Fernanda Garbero

A palavra bastardia é usada para pessoas que nasceram fora dos padrões legitimados socialmente, referindo-se àqueles que são provenientes de um relacionamento fora do matrimônio, assim, o termo bastardo implica os nascidos de uma transgressão religiosa e social. Quando o peso do termo bastardo é destinado a alguém, algumas pessoas, que se enxergam dentro dos padrões estabelecidos, tendem a olhar para o outro com indiferença, desprezo, rejeição e outros sentimentos que inferiorizam e agridem o alvo da alcunha pejorativa.

Além disso, as pessoas que agem com desrespeito para com o outro, sentem-se no direito de interferir na conduta das vidas “daqueles” que não estão inseridos dentro dos padrões exigidos na sociedade e julgam esses sujeitos, como seres incapazes de viver seguindo regras e, conseqüentemente, estariam propensos a infringir, delinquentemente, as normas impostas pelos meios sociais, sendo vistas como marginais. Para Elias Norbert e John L. Scotson (2000, p. 24): “Afixar o rótulo de ‘valor humano inferior’ a outro grupo é uma das armas usadas pelos grupos superiores nas disputas de poder, como meio de manter sua superioridade social”.

Percebe-se que ao serem desprezados, humilhados e vistos como pessoas que não possuem dignidade de viver e conviver com pessoas que dizem ser de bem e que se encaixam nos padrões sociais. Os sujeitos, então, atingidos por todas as violências psicológicas possíveis, tendem a sofrer muito, muitas vezes calados, alguns até vivem em condições de vulnerabilidade social.

Colocar o outro no estado de desprezo e humilhação é assumir o papel de superioridade dentro da sociedade e uma maneira de sustentar sua posição de sentir é ser visto como superior e melhor do que o próximo. Os preconceitos sociais nascem a partir de grupos que se sentem e são visibilizados como superiores e se encaixam dentro das normas impostas, que a sociedade visa como civilizada e pertencentes dos melhores valores humanos.

Diante disso, as pessoas que não estão inseridas nesses grupos de prestígio social são nomeados de *outsiders* que significa “fora”, ou seja aquele que está fora dos padrões ditos como corretos e assim, são esquecidos e renegados socialmente. É, nessa perspectiva, que

afirma Howard Saul Becker (2008, p. 15): “Mas a pessoa assim rotulada pode ter uma opinião diferente sobre a questão. Pode não aceitar a regra pela qual está sendo julgada e pode não encarar aqueles que a julgam competentes ou legitimamente autorizados a fazê-los”.

Os sujeitos que sofrem, sem condições e sem perspectivas de uma vida melhor, são pessoas carregadas de sentimentos que os oprimem, que os machucam dentro do seu íntimo, chegando a um ponto que não suportam e sentem a necessidade de externar toda dor que sente, agindo de forma violenta e brutal, sem medir as consequências e acabam sendo vistos como os piores vilões. É preciso refletir como um conjunto de fatores, sejam eles sociais, culturais ou, até mesmo, religiosos, podem contribuir para qualificar o ato criminoso numa dinâmica maniqueísta que define vilões e vítimas.

Por outro lado, é perceptível, nas obras contemporâneas, uma representação mais complexa, saindo da dicotomia entre vilania e vitimização. Passamos para a análise de como a literatura contemporânea aborda a necessidade da sociedade de rotular esses indivíduos em vilões e/ou vítimas e realiza a análise da violência como uma forma resposta dos indivíduos brutalizados e excluídos socialmente.

Entre as décadas de 1960 e 1970, houve um crescimento exponencial da violência urbana no Brasil. Tanto a concentração da população nos centros urbanos, com péssimas condições de vida, quanto o golpe militar em 1964, por parte do governo brasileiro, ocasionaram diversos problemas sociais. O índice de crimes violentos no país, principalmente, nas áreas urbanas e periféricas, mantém-se alto e em constante elevação até os dias de hoje.

A literatura passa a representar a violência social e a escalada do crime correlacionando-as à ruptura democrática. Segundo Schøllhammer (2013, p. 54): “A literatura se afastava do desafio estético e assumia um tom de franca denúncia da violência emergente nos subúrbios das grandes cidades”. As denúncias contra os problemas sociais, criminais e judiciários foram feitas em textos que mostram a ficção atrelada com indícios do real.

Com a nova estética literária, a literatura trata de trazer o intolerável aquilo, que está oculto e de difícil compreensão. As escritas são capazes de enxergar, dentro do escuro, as verdades escondidas que outros meios de comunicação não podiam expressar. A representação da violência torna-se mais visível a partir do tamanho da repercussão que lhe é dada. O presente é marcado por sinais violentos que são noticiados todos os dias, porém, existem ações criminosas que ganham uma força maior na sua exposição através do tamanho da crueldade exercida pelo autor do crime. Os números de mortes são crescentes na sociedade brasileira principalmente nas grandes metrópoles. Segundo Schøllhammer (2013, p. 40): “Se

as estatísticas continuam assustando, a banalização dessas mortes e dos crimes violentos não pareciam ter limites”.

Diante disso, há uma banalização das mortes violentas, pois se tornou comum matar e morrer. A vida das vítimas diante das ações criminosas tornou-se insignificante e aquele que comete o assassinato é julgado como um ser perigoso, que atua de forma delinquente. Por outro lado, a exposição *ad nauseam* retira o caráter trágico desses acontecimentos, levando à vulgarização da morte, não só pelos que cometem os atos violentos, mas pela sociedade como um todo.

Os autores dos crimes agem de forma, cruel e sem medidas, mas ao serem investigados e conduzidos para falar sobre suas vidas é possível perceber que existe uma revolta dentro deles. Alguns desses indivíduos são oriundos de abandono, pobreza extrema, preconceitos raciais, violência física e psicológica e ao chegarem em um determinado tempo não suportam viver acometidos por diversos fatores de traumas e acabam a explorar toda dor que sentem. Descontam, no outro, tudo o que vivem, a revolta de não possuírem uma vida estável e de não haver nenhuma esperança de alcançarem uma vida melhor, agem exercendo as piores crueldades possíveis.

Fazer o outro sofrer, querer que a outra pessoa sinta dor, é querer se livrar de algo, muitas vezes, de dores internas. Esses sujeitos, através de suas ações brutais, anunciam outras ações violentas como a rivalidade entre os próprios criminosos por disputa de poder, ações de confrontos entre policiais e marginais, caracterizando um cenário sangrento que causa medo nas pessoas. Ao agirem com tantos sinais violentos esses indivíduos são vistos como sujeitos perigosos, que não podem ficar livres e, com isso, o trabalho da polícia também é exercido com ações violentas. Essa dinâmica da violência em mão-dupla é discutida na década de 1970, auge do período da ditadura militar no Brasil.

Conforme a leitura da crônica “Mineirinho” de Clarice Lispector, Schøllhammer aponta questões relacionadas ao âmbito social e ético sobre como a sociedade se posiciona perante um ato delinquente e violento dos criminosos, que não se preocupa em considerar o histórico de vida desses indivíduos brutais. Assim, a partir das brutalidades exercidas por esses homens, a sociedade rebate com mais violência:

a crônica da escritora convoca à reflexão ética sobre o perigo da inumanização repressiva do crime, além de um reconhecimento do véu romântico que ainda cobria o criminoso para os populares, por representar a resistência contra uma vida injusta [...] Assim, a análise de Clarice ainda vê na violência delinquente um gesto de liberdade e se preocupa com a crescente escalada da violência policial e sistêmica que anunciava o que estava por vir (SCHØLLHAMMER, 2013, pp. 44-45).

Clarice Lispector expõe sua indignação de revolta sobre a violência cometida contra o criminoso Mineirinho, que veio a óbito. Clarice demonstra sua revolta sobre a dimensão que repercutiu a exposição da morte de Mineirinho e o excesso de força usado pelo sistema policial que procura ter um domínio da situação, muitas vezes, sem medir as consequências.

Percebe-se, também, que, por trás de um ato violento, de um crime brutal, os indivíduos buscam sentir-se livres, possivelmente, libertos de todas humilhações e dores sentidas no decorrer de suas vidas. A vontade de expressão e existência acontece, no momento do crime, como ato de revolta contra todos os preceitos que os levaram a chegar a um ponto de ação de desmedida e, assim, catarticamente, são expressos os sentimentos de raiva, ódio e humilhação.

Por outro lado, o ato violento é medida desesperada de busca de sentido, conforme a análise de Paulo Sérgio Duarte, ao comentar a obra de Hélio Oiticica, outro artista que se detém, criticamente, sobre o ato da morte espetacular de Mineirinho: “Ao lado de uma grande sensibilidade está um comportamento violento, e muitas vezes, em geral, o crime é uma busca desesperada de felicidade” (DUARTE *apud* SCHÖLLHAMMER 2013, p. 49).

A revolta passa a acompanhar muitos desses indivíduos que, a partir das suas próprias dores, cometem atos violentos acompanhados de um sentimento de felicidade misturado com libertação. Ao se voltar para as conotações transgressoras que o crime ganha para os excluídos da sociedade, Schøllhammer (2013, p. 61) aponta que: “Do ponto de vista dos jovens das camadas sociais mais baixas, o tráfico de drogas começava a representar uma opção de vida, não pelo motivos econômicos, mas muito mais por contestação de risco de uma realidade percebida como injusta”.

Para cada ato violento praticado e desvio de conduta realizados está uma resposta para cada dor, pois é muito difícil pensar em alguém que comete vários crimes, ser pertencente de uma vida fácil, regada de oportunidades e com um futuro promissor. Por outro lado, existem criminosos que, mesmo pertencentes de uma vida de alto padrão social, cometem ações brutais e negam a suas vítimas o direito de existir.

A violência vira uma espécie de refúgio, no olhar de quem, desde cedo, vive enfrentado lutas diárias para sobreviver ou para aqueles que não enfrentam problemas financeiros, mas sofrem por alguns sentimentos internos, ou apenas, acham que o outro deve sofrer. Com isso, os criminosos buscam saciar suas vontades de viverem melhor, deixam à vista quem verdadeiramente são. Indivíduos que deixam suas marcas de revolta e tornam-se cruéis assassinos praticantes de crimes sem medidas.

Além de serem vilões, fazer pessoas de vítimas, quando são capturados pelo sistema legal, passam, também, para a condição de vítimas de um Estado que age com o branco e rico de uma forma e com o negro e pobre de outra. A cada momento são percebidas guerras dentro das favelas e das grandes cidades com zonas periféricas. Os bandidos travam batalhas violentas e sangrentas contra o Estado, a ausência de comprometimento do sistema traz rupturas de segurança pública para todos.

Autores como Rubem Fonseca discutem, em suas escritas, a figura desse marginal *versus* Estado. O bandido representado está nas grandes áreas urbanas. Em geral, são indivíduos comuns que se envolvem no mundo do crime por não acreditarem em dias melhores, nem em ações governamentais para tornar mais digna as vidas das pessoas. Por outro lado, existe também, o perfil do assassino que trabalha, incansavelmente, e desfruta de uma vida sossegada de recursos financeiros, mas o *stress* do trabalho e a falta de lazer, até mesmo, com sua família ocasiona em tédio, que só é aliviado após matar alguém, o crime realizado torna-se como ato de prazer. A corrupção comparece, igualmente, nas ações dos agentes do Estado. A polícia é umas das instituições corrompidas, levando para alguns jovens a própria violência e, por vezes, estimulando o ingresso em uma vida criminosa.

Assim, é visto um país em que a política se encontrava um verdadeiro caos, com a democracia sendo dilacerada por parte do governo, muitos homens foram viver na criminalidade, tornando-se marginais revoltados, repletos de comportamentos violentos e atitudes vindas de uma revolta contra o sistema capitalista e, por consequência, tornam-se perversos vilões. Alguns desses bandidos não estão apenas com revoltas dentro de si, mas também sentem desejos de possuírem boas condições financeiras. Para os criminosos, viver em uma sociedade dominada por corruptos, com uma política representada por homens que negligenciam as leis não há como ter uma olhar de esperança para uma sociedade melhor.

Os sujeitos que estão dentro dessas estatísticas na maioria das vezes, são jovens negros e pobres. A cor da pele e o perfil da classe social, demonstram que para o sistema existem superioridades e os que agem contra as leis são considerados como os desviantes. Para Becker (2008, p. 13): “O grau em que um ato será tratado como desviante depende também de quem o comete e de quem se sente prejudicado por ele”.

A justiça não é aplicada para todos e quando, raramente, ocorre, não é igualitária. Os crimes sejam eles por interesse pessoal, ou seja, por necessidades financeiras, são realizados tanto por sujeitos pobres, quanto por sujeitos ricos, negros e brancos. A penalidade de um criminoso pobre e negro é realizada com violência, o tratamento recebido ao serem presos, comprova o sofrimento vivenciado dentro de celas cheias e os maus tratos recebidos, alguns

recebem pena de vários anos dentro de grades sem nenhuma perspectiva de sobrevivência e se as suas vítimas forem ricas e brancas as consequências serão maiores. Para o bandido branco e rico a punição é mais branda e com privilégios, dependendo do crime pagam fiança e tem a liberdade de imediato, ou respondem processo longe das penitenciárias e se houver a prisão não ficam em celas aglomeradas e, na maioria das vezes, é visto que não existe punição.

Quando um sujeito que vive do crime não morre, vai preso e com um tempo lhe é concebida a liberdade, ao sair da prisão, é condenado e visto pela sociedade como marginal, desviante que nunca será homem de bem e, por isso, a possibilidade de ter uma vida digna e com oportunidades de emprego é quase impossível. Muitas vezes, o ato feito não é levado muito em conta pela lei e pela sociedade burguesa e branca, o que vai importar de fato é sua condição de vida e sua cor e quem foi sua vítima.

Conforme visto, nas obras contemporâneas, a representação daqueles que cometem atos de crueldade recebe uma abordagem mais problemática. Assim, as pessoas que vivem nas áreas periféricas das grandes cidades, passam além da vilania, também aparecem como vítimas do Estado. Os personagens de *A guerra dos bastardos*, de Ana Paula Maia, são seres bastardos, sofredores de muitos preconceitos que a vida pode oferecer e quando se enxergam carregados de tantas dores e considerados como brutais, exercem os piores crimes, matam a sangue frio. É sobre eles e sua condição dupla que nos dedicaremos na próxima seção.

## 4 ABANDONO, VIOLÊNCIA E TRABALHO SUJO EM *A GUERRA DOS BASTARDOS*

*Não se pode confiar em alguém cujos pais nem quiseram.*

Ana Paula Maia.

O romance *A Guerra dos Bastardos* (2007) de Ana Paula Maia é composto por vinte capítulos que narram as trajetórias de personagens abandonados por suas famílias e intitulos, socialmente, como seres bastardos, realizando trabalhos considerados sujos e, até mesmo, o uso do próprio corpo como garantia de sobrevivência. A presença da violência, a ausência de perspectiva de vida e a desvalorização do ser humano acompanham os personagens da obra. Desse modo, uma guerra física e psicológica é enfrentada pelos protagonistas ao viverem nas margens do abandono, sob o signo da bastardia.

Antes mesmo do início da narrativa, o projeto gráfico do livro remete à violência e à belicosidade representadas. A capa do livro apresenta, imagetivamente, os indícios do teor da narrativa, seja pelo uso das cores, seja pela escolha da fotografia. A capa possui cores fortes, como o fundo preto da página que realça o vermelho dos caracteres e da foto do serrote ensanguentado, a cor preta também aparece nas páginas iniciais e finais do romance à semelhança de um *blackout*; a cor vermelha tingem as bordas das páginas. No centro da página da capa aparece a fotografia de um punho fechado e armado com um soco-inglês que sustém o serrote ensanguentado que “atravessa” o livro, numa imagem contínua da capa e da contracapa. A imagem remete à força e à guerra e indica o ambiente de violência da narrativa, com os símbolos de dois trabalhos sujos e dos confrontos de seus protagonistas: o clube de luta da personagem Gina e o frigorífico de Edgar Wilson.

A obra é dedicada, por seu turno, “Aos degenerados, desmedidos e renegados” (MAIA, 2007, p. 11), indicando, portanto, a questão do abandono afetivo e social, além da ressonância da literatura de Fiódor Dostoiévski, cujo romance *Humilhados e ofendidos* aponta para o egoísmo, crueldade e frieza diante do sofrimento alheio. As epígrafes que abrem o romance apontam para a ideia de descentramento, sofrimento, deriva e isolamento do indivíduo evocados da obra de Jack Kerouac (*apud* MAIA, 2007, p. 13): “... que coisa mais estranha a realidade do mundo desolado e infinito, que não tem destino, significado, nem centro, e o doce e minúsculo lago do espírito”. O caráter cíclico da narrativa, pois as ações terminam e começam no mesmo ponto na busca do sentido inescapável, aparece conforme o



pensamento do filósofo neoplatônico Proclo (apud MAIA, 2007, p. 11): “... para mim é comum donde eu comece; pois aí de novo chegarei de volta”.

*A guerra dos bastardos* tem um intenso diálogo com as artes cinematográficas, especialmente, o filme *Pulp Fiction: Tempo de violência* (1994) do escritor e diretor Quentin Tarantino (1963). O filme trata de pessoas cujas atividades giram em torno da violência, como um clube de luta ilegal e dois matadores de aluguel contratados por um traficante. Os personagens do filme de Quentin Tarantino são indivíduos que estão no mundo do crime, roubam, matam e/ou vivem profissões excluídas socialmente. A trama sustenta-se em uma linguagem não-linear e as cenas evocam, esteticamente, os filmes B e a subliteratura como procedimento paródico.

Ana Paula Maia se inspirou em escrever para os menos favorecidos, os esquecidos, rejeitados e para aqueles que não medem as consequências de seus atos quando agem de forma violenta. Ao fazer a leitura do livro, nota-se que não há restrições para as práticas de crimes, os assassinos usam suas forças brutais no auge dos acontecimentos, chegando a cometer atos extremos. As áreas urbanas são os centros das ações violentas e dentro delas os crimes tornam-se banais, mas, ao contrário da estética naturalista, a cidade não é nomeada.

Nossa análise acompanha desde o início dos acontecimentos até os desfecho da história. Dessa forma, o leitor compreende melhor e pode lhe despertar questionamentos acerca da vitimização ou vilania e reflexões sobre o peso que o abandono familiar e social podem provocar na vida de indivíduos, ou até mesmo, de conduzir para uma vida de perigos e caminhos perversos. A próxima subseção será tratada a rejeição e invisibilidade que fazem junção entre família e sociedade.

#### **4.1 Narrar (d)a invisibilidade**

A invisibilidade é presente na obra maiana analisada. No decorrer das histórias, contadas a partir de ambientes sujos, povoadas por personagens que trabalham e fazem parte desses lugares considerados e vistos como imundos, lugares e trabalhos invisíveis e estigmatizados socialmente. A desigualdade, o abandono e as mazelas sociais são notórios entre as linhas narradas. Há uma desvalorização do ser humano por não pertencerem a um padrão social de prestígio.

Para Beatriz Resende (2008, p. 141) “Ana Paula pega pesado na violência, na imundície, na podridão”. A autora Maia, consegue transparecer a invisibilidade, de pessoas que são inseridas dentro de uma sociedade cruel e os espaços que as tramas acontecem estão

visíveis a podridão e tudo de ruim que nela há, sendo vidas entregues a um mundo de cão. A narrativa se passa no espaço urbano, porém Maia não relata qual cidade é essa.

O narrar da invisibilidade no livro, faz-se presente, também, quando é feita uma relação humana com animais, ao fazer essa analogia percebe-se a desvalorização do ser humano. Em várias partes da narrativa aparecem alguns animais como o rato e o pombo que, dessa forma, transmitem para o leitor, uma representação de humanizar os animais e colocar o indivíduo dentro da identidade animalesca.

As pessoas, então, renegadas e rejeitadas, exercem qualquer profissão que estejam ao seu alcance. Dentro dos seus ambientes de trabalho são vistos como seres desprezíveis e humilhações contra eles são realizadas. A invisibilidade diz respeito às diferentes formas de violência entre vítimas e vilões. Ao sentirem na própria pele que fazem parte da invisibilidade social, esses indivíduos colocam-se em qualquer condição de trabalho a fim apenas de sobreviverem.

Os personagens, que exercem essas funções são: Gina Trevisan uma lutadora de vale-tudo; Amadeu e Greice Sally atores pornô; Edgar Wilson matador de aluguel, sempre disposto a realizar qualquer trabalho sujo; Dimitri funcionário de uma vídeo-locadora; Pablo Sasaki traficante de órgãos humanos; Horácio produtor cultural; Zeferino Manches, dono do estúdio que faz os filmes pornô e chefe de uma quadrilha que trafica drogas e faz empréstimos de dinheiro (agiota); Edwiges D'Lambert que trabalha com Zeferino Manches e juntos se envolvem com diversas atividades ilegais e Salvatore que, também, trabalha para Zeferino e faz os pagamentos e as contratações dos atores, tornando-se o braço direito de Zeferino Manches.

O livro *A guerra dos bastardos* tem como narrador Dimitri, o funcionário de uma vídeo-locadora. Na trama, todos os protagonistas fazem parte de um mesmo propósito, encontrar uma bolsa de náilon vermelha cheia de drogas, que vale muito dinheiro, num pastiche à história de *Pulp Fiction*. Porém, a procura da bolsa torna-se uma incansável busca com histórias de mortes, violência e muito sangue.

A bolsa é encontrada por Amadeu um ator pornô, que precisa de um empréstimo para ajudar a sua namorada Gina Trevisan uma lutadora, ele resolve ir até o escritório de Salvatore homem de confiança de Zeferino Manches proprietário e chefe do espaço, que faz as gravações dos filmes pornográficos e trafica drogas. Ao chegar até o escritório de Salvatore, Amadeu fica à espera pois percebe que Salvatore não está sozinho, mas de repente escuta sons de tiro e decide entrar para ver o que está acontecendo. Amadeu depara-se com uma forte cena um assassinato. Salvatore matou Aluísio, esposo de Greice Sally, traficante de drogas e,

após o homicídio, Salvatore enfarta. Próximo a ele está uma bolsa de náilon vermelha cheia de cocaína que pertencia a Zeferino Manches.

Ao encontrar a bolsa e perceber que dentro dela tem produtos de grandes valores, Amadeu ficou sem saber se levaria consigo, mas pensou na sua vida difícil e em tudo que já passou e não hesitou em levar, mas antes de sair ele: “Apanha a bolsa, joga-a sobre os ombros e começa a esfregar com a ponta da camisa possíveis lugares que tenha tocado” (MAIA, 2007, p. 31). O ator pornô limpa suas digitais, pois saberia que em breve chegariam outras pessoas e ninguém poderia encontrá-lo. Amadeu pensou, também, que precisaria mudar de endereço, ninguém poderia saber que a bolsa estava com ele. Ao procurar um novo lugar para morar encontrou Horácio que trabalha nas produções de filmes e está disposto a dividir aluguel com qualquer pessoa, pois encontra-se com problemas financeiros. Amadeu vai morar com Horácio e observa que, na frente do apartamento, tem um morador chamado senhor Lozonni e dentro de sua residência tem um lugar ideal para guardar a bolsa: um sótão que se encontrava em péssimas condições e com mau cheiro e há muito tempo havia se tornado moradia de animais.

Antes de esconder a bolsa no sótão na casa de Lozonni, Amadeu precisa vender uma parte da droga, estava precisando de dinheiro. Pensou onde e para quem venderia aqueles produtos, lembrou-se de Guilherme Benigno, que trabalha como produtor cultural e lhe informou sobre a existência da bolsa com as drogas. Guilherme se interessou e levou o ator até Edwiges D’Lambert uma senhora, que trabalha no cinema para Zeferino e nas demais funções sujas, que lhes forem atribuídas. Ao vender uma parte da cocaína, Amadeu volta para casa e para buscar outra parte da droga e esconder o restante no sótão. Com um bom dinheiro nas mãos ele não vê a hora de se encontrar com Gina Trevisan, a mulher que lhe fez ir pedir um empréstimo e entregar para ela. As coisas pareciam ir bem, mas Amadeu antes de conseguir se encontrar com Gina, sofreu um acidente, que tirou sua vida.

#### **4.2 Para a bastardia: violência e trabalho sujo**

Ana Paula Maia adota uma perspectiva de abordar o marginal como aquele que foi abandonado pela família e pela sociedade e, a partir do abandono e o estigma social, vive uma vida de crimes. No entanto, não é sempre que o criminoso se encaixa no perfil do bastardo ou aquele que sobrevive através de um emprego invisível na sociedade. Existe o bandido que possui uma vida financeira estável e familiar e, mesmo assim, age violentamente com o próximo. De acordo com Becker (2008, p. 12) “Os estudiosos do desvio não podem supor que

estão lidando com uma categoria homogênea quando estudam pessoas rotuladas de desviantes”. Desse modo, Becker discute sobre a concepção que não existe apenas uma única representação de criminoso de desviantes das leis, podem haver rótulos que sejam empregados a uma determinada pessoa só pela classe que social que ela pertence.

No romance em análise, Maia faz referência de agressores que, de algum modo, carregam o estigma da bastardia, voltando-se para uma categoria de sujeitos cujas ações serão marcadas pela violência e a desmedida. Os abandonados recebem o perfil de brutais e incapazes de exercerem funções visíveis nos meios sociais através do histórico de vidas que os personagens tiveram.

Os protagonistas maianos, ao exercerem funções esquecidas e mal vistas no olhar da sociedade, ali estão os bastardos, dispostos a atuarem no mundo do trabalho sujo. Assim, passam a ser vistos e conhecidos, no âmbito de seus trabalhos, como seres brutais, que agem de forma fria, expondo o que existe de mais frágil e cruel dentro de si. Entre essas profissões do mundo sujo, que Ana Paula Maia apresenta em seu livro destacarei algumas.

Amadeu é um ator pornô, que trabalha para Zeferino Manches, seu salário nessa profissão é considerado “admissível”, pois é de acordo com o tamanho do seu órgão sexual e da sua atuação, vista como potente. Trabalhar na área da pornografia foi uma alternativa que ele encontrou para melhorar um pouco de vida, tinha consciência da profissão difícil e cruel de atuar, além das humilhações enfrentadas.

No contrato da profissão, estava em destaque que só fazia sexo com mulheres, era a única restrição, não se permitia se envolver com homens. As mulheres eram seu ponto fraco, a ponto de pedir empréstimo para Salvatore, um sujeito trapaceiro e braço direito de Zeferino para dar a Gina, uma boxeadora, que pegou empréstimo, nas mãos de agiota e precisava pagar o quanto antes. Ao chegar no escritório de Salvatore, Amadeu, observa um lugar sujo com rastros de pombos e uma decoração antiga. Ao conseguir chegar até Salvatore, depara-se com um senhor de idade, mas muito esperto e audacioso, com “sangue nos olhos”, que age friamente para conseguir o que quer, principalmente, quando se trata de dinheiro e sem receio relata seus crimes com facilidade e, até mesmo, com humor.

Em conversa com Amadeu, Salvatore narra um dos atos criminosos cometidos e narra de forma natural e bem humorada, depois de ter disparado dois tiros em uma mulher, um dos disparos foi no coração próximo aos seios siliconados que, conseqüentemente, foram atingidos: “[...] Litros e mais litros sendo despejados na banheira’ diz Salvatore. ‘Ele olhava pr’aquilo tudo escorrendo e imaginava a fortuna que jorrava dos peitos da vaca’” (MAIA, 2007, p. 25).

Ao ouvir do que Salvatore é capaz, Amadeu fica assustado com a crueldade daquele sujeito que mata e permanece, em seu escritório, como se nada houvesse acontecido, resolvendo e negociando as coisas de Zeferino. No mesmo dia, Salvatore recebe Aluísio, esposo de uma atriz pornô, que faz sucesso nos filmes, cujo nome é Greice Sally, uma mulher que faz uso das nádegas para transportar drogas e fazer sucesso também na sua profissão.

Aluísio é traído por sua esposa com Zeferino, sem saber faz negociações com Salvatore, o intermediário Zeferino, acreditando que ele é uma pessoa confiável, que existe para fazer qualquer tipo de negócio do mundo implícito. Mas em uma das suas negociações, tentou ser esperto e enganar Salvatore com um mala vazia de dinheiro. Ao descobrir, Aluísio foi morto com tiros por Salvatore que, depois de matar, verificou se o sujeito encontrava-se morto mesmo, ao conferir a morte, ele se levanta e avisa que o trabalho foi concluído.

Amadeu, mais uma vez percebe, que algo ruim e impiedoso está acontecendo com mais um ato cruel, desumano e frio por parte de Salvatore, sente seu corpo tremer e o medo, o susto lhe apavora. Após o homicídio de Aluísio, Salvatore, orgulha-se do que fez e vai em direção do corpo e afirma: “Que trabalho limpo!” (MAIA, 2007, p. 28). Ao gloriar-se de cometer o assassinato, sente-se mal e enfarta e, em questão de pouquíssimo tempo, cai no chão morto, próximo de Aluísio.

Os barulhos incomodam e deixam Amadeu apreensivo e querendo saber o que aconteceu, resolve entrar e se depara com Aluísio no chão e um buraco em sua testa e Salvatore, também morto, estirado na parte de trás de sua mesa. Amadeu fica impressionado com a cena que acaba de ver e, o que mais lhe chamou atenção, foi uma bolsa vermelha de náilon, junto dos pés de Salvatore. O desejo de Amadeu, naquele momento, era saber o que havia ali, rápido ele dá uma olhada e percebe que há inúmeras embalagens, mas que não conseguiu na hora ver o que era.

Apesar de início Amadeu não compreender o que estaria dentro daqueles pacotes fechados, imaginava que ali estava um socorro, uma ajuda até dos céus para mudar sua vida e de Gina. Com a consciência que tudo havia acontecido foram atos errados e, possivelmente, a bolsa seria fruto disso, ele não hesitou em fugir, lembrou-se apenas de tudo que já passou e idealizou um futuro melhor.

Ao chegar em seu apartamento, ainda com o calor das emoções, quer logo contar para Gina, seu amor, e guarda a bolsa com muita ansiedade e cuidado, decidindo sair daquele apartamento, pois não mora sozinho. Com a procura de um lugar para ficar, Amadeu encontra Horácio, que estava a procura de alguém para dividir o aluguel. Horácio, então, depois de muitas procuras encontrou em Amadeu essa parceria. O apartamento com infiltrações e um

mau cheiro, quase insuportável vindo dos mofos incomodou Amadeu, mais nada, que o impedisse de ficar ali.

Ao se acomodar no mesmo espaço de Horácio, Amadeu continua com seus pensamentos em Gina, pensa em ligar, mas prefere entrar em contato só depois que conseguisse resolver tudo. Ele, em seu quarto, decide abrir a bolsa e ao ver todos aqueles produtos fica entusiasmado e confiante, a ponto de experimentar um pouco daquela droga. Com efeito dela sai do apartamento e vai até a casa do vizinho Lozonni, que o recebe e ainda lhe mostra um sótão escondido, sujo, cheios de animais, que fazem suas necessidades naquele local, os pisos já soltando podres e velhos, mas, com tudo, isso ele pensa, que ali está o melhor lugar secreto para guardar sua bolsa.

Amadeu, volta na casa do senhor Lozonni, e guarda embaixo do piso a bolsa com as drogas, mas continua dividindo o mesmo, espaço com Horácio e os dois sempre conversam em um desses diálogos, começaram a relatar sobre suas profissões. Horácio diz para Amadeu que está ganhando mal com filmagens de filmes, mas acredita que atores de filmes pornô devem ganhar bem. Amadeu incomodado com aquelas palavras, retruca e diz que as mulheres ganham bem e continua afirmando:

“Que eu me lembre, é a única profissão em que as mulheres estão bem acima dos homens. No topo pra valer”, continua Amadeu. “Se você ver as agulhadas de Carvejet que eu tomo no pau vai ver que é uma posição injusta. A gente tem que ficar lá, duros, até ouvir a palavra de salvação: corta! É muito humilhante” (MAIA, 2007, p. 58).

As humilhações e o trabalho exaustivo é narrado por Amadeu, a profissão exercida por ele e por seus colegas é invisível e desumana, alguns fazem esse trabalho por muita precisão. Amadeu relata: “Esses caras têm família. Conheço um que de tão desesperado implantou dois bastões de silicone no pênis e isso deixa ele duro o tempo todo” (MAIA, 2007, p. 58). O que mais tem valor no emprego da pornografia é a potência que cada pessoa no ato do sexo, mas o ser humano em si não é valorizado e, assim, muitos atores precisam demonstrar esse potencial para garantir seu salário e implantam objetos em seus próprios corpos. Desse modo, Amadeu sonha em mudar de vida e mais uma vez acredita e confia que sua vida e a do seu amor Gina vai mudar, mas para isso acontecer deve vender todos aqueles pacotes, com esse desejo despertado, liga para Guilherme Benigno, um produtor cultural, e explica que encontrou uma bolsa com drogas e precisa vender, mas não diz a verdade para Guilherme como a encontrou.

Ao encontrar ajuda de Guilherme para vender a droga encontrada, Guilherme o levou até Edwiges D’Lambert, uma agiota e comerciante de drogas. Sem saber que Horácio trabalha

naquele lugar, Amadeu começa a negociar com Edwiges. Ela muito esperta percebe que está faltando uma parte da mercadoria e inventa que perdeu uma parte e consegue terminar a venda. Amadeu ao voltar para casa, vai até o apartamento de Lozonni e guarda no sótão todo o dinheiro junto com o resto da droga, que não levou para vender.

Depois de ter visto Amadeu com uma bolsa vermelha negociando com Edwiges, Horácio não consegue dormir muito bem à noite, ficou pensativo e ao despertar, Amadeu já não estava mais em casa, havia saído. Horácio, então, reencontrou uma oportunidade para procurar a bolsa, revistou tudo e não encontrou. Ao se dar conta que estava atrasado para trabalhar, Horácio fica preocupado, resolve pegar um táxi e pede para o motorista que adiante o máximo possível, faça ultrapassagens e não respeite nada, apenas, corra. Ele precisa chegar no trabalho, ao sentir-se atrasado, reforça o pedido e diz para o motorista aumentar a velocidade do carro, que ele pagaria duas vezes a corrida.

Ao ouvir que ganharia mais o motorista acelera sem pensar que poderia acontecer algum acidente e, por consequência, foi o que aconteceu. Um homem foi atropelado de forma grave, a orelha da vítima ficou pendurada no farol do carro, ao descer os dois se deparam com um homem sangrando muito. Horácio reconhece que é Amadeu e o coloca dentro do carro e pede para o motorista ir de imediato para o hospital. No percurso Horácio tem Amadeu em seus braços agonizante e Horácio, com sentimento de culpa, começa a dizer palavras de força para Amadeu, mas o acidente foi grave. Amadeu coloca muito sangue por todas as partes do corpo e, nos últimos minutos de sua vida, Amadeu diz para Horácio: “No sótão... a bolsa” (MAIA, 2007, p. 96) e colocou nas mãos de Horácio um isqueiro com um desenho de um dragão e para deixar mais claro o que estava tentando dizer afirma: “A bolsa é dela” (idem).

Amadeu, não resiste e morre. Chega no hospital morto e Horácio fica abalado com o acontecimento e diz: “‘O dobro da corrida’, diz Horácio, colocando o dinheiro no bolso do homem. Olhando para o dinheiro, o taxista diz: ‘O dobro da corrida e um homem morto.’ Horácio sai, deixando Amadeu abandonado, sem nome ou documentos, sobre uma mesa fria” (MAIA, 2007, p. 97).

Amadeu, foi abandonado, renegado e humilhado durante sua vida e após a morte, também, não foi diferente. Foi abandonado, sem identificação e, muito menos, sem a chance de ser enterrado. O abandono foi claro na vida de Amadeu, tornou-se apenas mais um número na estatística de pessoas sem documentos, abandonadas pelos familiares e conhecidos. O que ficou de lembrança, foi alguém que sumiu sem deixar rastros, sendo um trapaceiro, que deixou trabalho e namorada para trás.

Ao descrever sobre a trajetória de vida de Amadeu dentro da profissão até a sua morte, Ana Paula Maia expõe uma narrativa de violência fria, a descrição do uso do corpo como parte do que ele tem de melhor, ao seu atropelamento, que ocorreu de maneira catastrófica. Os fatos são narrados com uma transparência sangrenta e agonizante do personagem.

Para continuar a discorrer sobre o abandono, a violência e o trabalho sujo, destacarei Edgar Wilson, um matador de aluguel que trabalha para Zeferino Manches e exerce diversos crimes para cumprir as ordens de Zeferino. Edgar Wilson sofreu na pele a bastardia, as violências físicas e psicológicas foram presentes desde a infância, quando o jovem cometeu um assassinato a sangue frio devido às humilhações sofridas por ele. O narrador descreve o abandono de Edgar:

Quando criança, foi abandonado sob um viaduto e criado por freiras de um humilde convento, sendo entregue para Adoção aos 12 anos de idade. O corpinho franzino, barriga Protuberante, feridas de piolho na cabeça, um suor morrinhento, rosto pálido cadavérico e um olhar triste foram o suficiente para que uma viúva, com apenas um filho, se compadecesse. (MAIA, 2007, p. 100).

Edgar Wilson foi abandonado pela sua mãe de forma cruel, deixado debaixo de um viaduto, as perspectivas de sobreviver eram mínimas, as características narradas demonstram um ser humano que, além de viver o abandono familiar, vivenciou as dores físicas, seu corpo respondia os traumas físicos, aos doze anos de idade foi adotado por uma mulher viúva com poucas condições, mas a história de vida de Edgar, fez aquela simples mulher se compadecer e levá-lo para casa. Ao receber os cuidados da sua mãe adotiva, tornou-se um sujeito forte e conseguiu um emprego no mercadinho de dona Betinha, como empacotador de ossos. O convívio entre patroa e empregado não era saudável. Betinha se aproveitada da vida difícil que Edgar passou e usava isso para humilhar:

Dona Betinha tinha uma implicância pessoal com Edgar Wilson. Dizia que era um imbecil, que colocava as latas de óleo por cima dos ovos, que esmagava os tomates com os dedos truculentos ao colocá-lo na sacola e que não servia nem para recolher as porcarias deixadas pelos cachorros nas ruas. “Não se pode confiar em alguém cujos pais nem quiseram” (MAIA, 2007, pp. 101-102).

Para Betinha, as pessoas abandonadas não eram dignas de nenhum respeito, não mereciam ser tratados como todos os outros seres humanos, para ela aquele que sua vida está fora dos padrões sociais são seres desprezíveis, incapazes de exercerem suas atividades de maneira correta e podem, a qualquer momento, fazer alguma coisa errada. Assim, a senhora Betinha se acha no direito de maltratar, humilhar e desvalorizar Edgar o tempo inteiro.



A vida de Edgar, desde criança foi difícil, conviver com os traumas do abandono e ter que se submeter aos preconceitos sociais, era uma batalha que travava todos os dias e isso foi lhe causando sentimentos angustiantes de dor e revolta. Edgar Wilson já não suportava os desrespeitos de Betinha. Um certo dia, ela foi inspecionar o frigorífico e verificar as condições de higiene do local. Ao chegar deu início a mais um discurso humilhante, comparou Edgar com os porcos: “Porcos! Deveriam ser abatidos! Somos pessoas de bem, de respeito. Que fedor! Como você fede rapaz!” (MAIA, 2007, p. 102).

A violência psicológica, mais uma vez é observada contra Edgar, os sinais de exclamações usados nas frases da personagem Betinha, identifica o tom autoritário usado, a comparação com os porcos é desumano. Edgar Wilson, não suportou tantas ofensas e maus tratos, já havia sido muito humilhado e acabou cometendo um crime cruel. Agiu friamente e matou Betinha:

O barulho de correntes precipitando-se entre as carnes penduradas estourou numa pancada forte e abafada bem no meio do coque da velha. Lançada a uns quatro metros, abraçava as pernas de porcos e permanecia de pé, segurando-se com muita firmeza. Novo barulho de correntes, aproximando-se dela cada vez mais; as correntes giravam, vibraram e explodiram a cabeça de dona Betinha. O coque ainda permanecia indissolúvel. Edgar Wilson caminhou até o balcão de atendimento e pegou o radinho de pilha. Voltou para o frigorífico e mesmo com muito trabalho a fazer não pôde deixar de ouvir a missa do padre Sebastião Anchieta. Um hábito adquirido com as doces irmãs do convento. Amolou o cutelo com esmero e, durante as Salve-rainhas, desossou dona Betinha (MAIA, 2007, pp. 102-103).

Edgar Wilson agiu violentamente, matou a sangue frio dona Betinha, sem sentimento de culpa ou de que estava agindo errado. Edgar depositou todo seu ódio e brutalidade na morte de Betinha, externou toda dor que, por muito tempo, havia sentindo vinda de uma sociedade que não acolhe, mas despreza o bastardo. A morte soaria como uma liberdade, uma sensação de dever cumprido e um jeito de sobreviver. Assim, Edgar prosseguiu no mundo do trabalho sujo, sendo matador de aluguel ou agindo com frieza e crueldade para com os que cruzam seu caminho.

A violência psicológica e o abandono na vida de Edgar Wilson exibe o temperamento frio e calculista que o protagonista possui ao ser humilhado e abandonado ainda criança. Edgar cresce e se torna um homem violento. Ao escrever sobre Edgar Wilson, a autora Maia faz referência a um ser que transfere toda dor que sente devido o que passou a uma senhora que o despreza e lhe trata de maneira preconceituosa.

Em continuidade, ao mundo do trabalho sujo e violento, Maia traz em sua obra, Gina Trevisan, lutadora de boxe, que tinha um caso amoroso com o ator pornô Amadeu. Gina estava em um momento difícil, enfrentava problemas financeiros cheia de dívidas, resolveu

pedir um empréstimo com a agiota Edwiges D’Lambert. A partir do empréstimo, os problemas não diminuíram, só aumentaram, ela não conseguia pagar o débito e os juros começaram a crescer. A boxeadora estava perdendo nas lutas e sua única esperança estava em Amadeu que havia prometido conseguir o dinheiro e livrá-la da dívida com Edwiges D’Lambert. No entanto, Amadeu sumiu sem deixar nenhuma notícia, a lutadora não sabia mais o que fazer e não passava, em seus pensamentos, que ele poderia ter falecido.

Em uma certa noite, Gina recebeu um telefonema de Zeferino Manches, envolvido com Edwiges D’Lambert, para que ela se apresente em seu escritório. As coisas só acontecem se Zeferino concordar e no empréstimo da lutadora não foi diferente: a autorização veio dele. Ao amanhecer, Gina vai ao encontro de Zeferino que lhe propõe uma luta clandestina de vale-tudo com Hugo Valentino, filho de um homem rico, que possuía o desejo de lutar com mulheres. Antes de aceitar a proposta da luta, Gina fica com medo e teme por sua vida, mas Zeferino insiste e diz: “Uma única luta e sua dívida morre comigo. Ainda receberá uma determinada quantia para os cuidados médicos”, diz Zeferino ironicamente. “Caso seja necessário, é claro” (MAIA, 2007, p. 138).

Nessa perspectiva, observa-se uma mulher sozinha abandonada por todos e sua única alternativa é se submeter em uma luta clandestina, estimulada por um homem que se preocupa apenas com os seus interesses pessoais. Fazer uso do seu próprio corpo e colocá-lo em risco seria uma alternativa de garantir o pagamento aos agiotas. Gina, então, trava guerras internas e começa a se lembrar das lutas perdidas e se imagina livre da dívida e através desses pensamentos aceita lutar.

Ao decidir lutar, a boxeadora necessita confiar em alguém, precisa de uma pessoa à sua espera do lado de fora do ambiente da luta caso, necessite de ajuda, pois a luta além de ser ilegal, seria escondida nos fundos de uma boate no centro da cidade. Resolveu confiar em Elvis Wanderley, um amigo, que lhe levou até o local da luta e permaneceu em seu aguardo dentro do carro, para possíveis imprevistos. Ao chegar, Gina se depara com outras garotas que vão lutar, também, com Hugo Valentino, mas ela será a última, segundo Zeferino Manches.

As lutas começaram a acontecer e um massacre sangrento é visto. A ambição pelo dinheiro e o ego de machucar o corpo alheio sem nenhum respeito é evidente naquele ringue. O arrependimento, o desespero e o medo, seguido do desejo de desistir, crescem em Gina. Zeferino não aceita a desistência de nenhuma lutadora, a palavra dele deve permanecer e o duelo tem que acontecer de qualquer jeito e afirma: “Ele havia prometido uma luta com três garotas, três boas lutadoras, e ele teria” (MAIA, 2007, p. 158).

Visto a vontade de Gina de não querer mais lutar, Zeferino encontra uma alternativa de não deixá-la escapar, aumenta o valor da luta e paga com antecedência. Diante do aumento do valor e a quantia já em mãos, Gina sobe no ringue e a presença das agressões físicas são visíveis, as violências corporais fogem de todos os padrões de um esporte saudável e lícito. No meio da luta, a boxeadora lembra de Amadeu: “Pensa em Amadeu e na sua promessa. Não poderia confiar em homem nenhum. Ele era responsável por aquilo, ela confiou sua vida e agora precisa apanhar para mantê-la” (MAIA, 2007, p. 162).

Ao pensar em Amadeu e na promessa, nasce um sentimento de revolta e Gina torna-se mais agressiva vai pra cima de Hugo com todas as forças e dá “Vários socos arrebatam a cabeça de Hugo” (MAIA, 2007, p. 163). Ao agredir com vários socos a cabeça de seu adversário, a lutadora deixa ele imóvel desmaiado no chão. Gina percebe que foi muito violenta, acabou com Hugo Valentino. Consegue ouvir Zeferino furioso pronunciar: “Maldita” (MAIA, 2007, p. 163).

A lutadora precisava sair do local da luta às pressas: “Enquanto a atenção fixa-se em Hugo. Corre para a porta dos fundos, que dá no beco” (MAIA, 2007, p. 163). Elvis estava a sua espera sabia que Zeferino não deixaria ela em paz por ganhar o duelo e o valor da luta. Vencer foi importante para Gina, conseguiu sobreviver e levar consigo o dinheiro. O difícil seria permanecer escondida e reviver as angústias do seu passado que começaram a tomar conta dos seus pensamentos e entender a mulher que se tornou com as lembranças do seu tempo de criança.

Gina Trevisan foi abandonada pelo seu pai ainda pequena, viveu sozinha com sua mãe e a pensão deixada pelo avô garantia o sustento das duas. Sua mãe sempre lhe ensinou a nunca baixar a cabeça mesmo se sentisse medo com frases rotineiras ela dizia: “Se te maltratarem, bata! Se te ofenderem, bata! Se xingarem a tua mãe, bata! Se tiver medo, bata! Se não estiver de acordo, bata!” (MAIA, 2007, p. 170). Gina cresceu ouvindo que só as agressões físicas seriam a melhor forma de sobrevivência e a solução para qualquer problema.

Além de aprender desde cedo a ser violenta e ter vivenciado o abandono paterno, a morte do avô, perdeu sua mãe de forma precoce. Sentindo-se só resolveu ir embora, morar com uma tia. “Viveu uns tempos com uma tia, porém as constantes investidas do primo insaciável a fizeram ir embora” (MAIA, 2007, p. 170). Ao residir na mesma casa com seu primo, Gina sofreu assédios por parte dele e decidiu não morar mais com sua tia. Foi seguir sua vida como lutadora de boxe aos 17 anos e, nas lutas, lembra-se da sua genitora falando: “‘Bata’, e dificilmente perdia uma luta” (MAIA, 2007, p. 171). As palavras de sua mãe serviam como uma fonte de inspiração que se transformavam em forças e garantia suas

vitórias. Ao voltar-se para o passado da personagem, evidencia-se a relação precoce de violência corporal, desvelando o aprendizado familiar de agir sempre com violência com o outro como resposta ao abandono e a pobreza. A passagem da vida de Gina expõe uma sociedade devastada por interesses pessoais e violenta, refletindo muito bem a ausência de humanização.

Ao discorrer sobre as profissões em destaque na obra de Maia, percebemos que a autora aborda, dentro do enredo da narrativa, a difícil vida de seus personagens que pertencem ao mundo do preconceito da sociedade e trabalhadores de profissões que não se destacam. Segundo Becker (2008, p. 12) “À medida que a categoria carece de homogeneidade e deixa de incluir todos os casos que lhe pertencem, não é sensato esperar encontrar fatores comuns de personalidade ou situação de vida que expliquem o suposto desvio”. Diante desse olhar, Ana Paula Maia caracteriza, em sua obra, os bastardos que vão parar nas profissões ilegais. Ser bastardo, dentro do sistema social, remete a alguém que nasceu fora dos padrões e vivencia o abandono e os julgamentos.

Por fim, no romance, fica em destaque que carregar na vida as características que fazem parte do abandono é algo que traz consequências negativas. A violência faz parte do contexto familiar e profissional dos bastardos de Ana Paula Maia, os personagens vindos da bastardia passaram e cometeram, em suas vidas, todas as formas de humilhações e violência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira contemporânea possibilitou a entrada de novos autores, inaugurando o que a crítica Beatriz Resende considera uma de suas principais características: a multiplicidade. Através de seus textos contribuem para reflexão dos leitores sobre os acontecimentos violentos e a batalha por melhores condições de vida, que cercam os grandes centros urbanos. A escrita contemporânea não se interessa apenas em visibilizar o caos que afeta a sociedade, mas procura entender as realidades violentas que ocorrem nos dias atuais através das experiências que já foram vivenciadas em tempos passados. Além disso, a escrita contemporânea, por meio dos novos autores, permite que suas narrativas cheguem de maneira mais ágil nas mãos dos leitores através dos recursos tecnológicos. Muitos autores não esperam as editoras para divulgarem suas narrativas e, assim, é possível ter em mãos obras com custos mais acessíveis e a facilidade de exercer leituras em qualquer lugar, desde que se esteja com algum aparelho eletrônico e o acesso à Internet.

Podemos observar, tanto na obra de Maia, quanto na sociedade, a presença da figura do *outsider* que corresponde ao sujeito que está fora das padronizações vigentes impostas pelos meios sociais e possui uma vida difícil, com poucas perspectivas de um futuro promissor. Os *outsiders* são excluídos e esquecidos socialmente, por vezes, não se sentem confortáveis em estarem próximos, ou até mesmo, conviver com pessoas que se asseguram e são enxergados como seres superiores, melhores e civilizados. Então, preferem viver por caminhos que os fazem desviar das boas condutas e das leis. Diante disso, as diversidades que não fazem parte do que é colocado como padrão legitimado social os caracterizam como *outsiders* e, por conseguinte, indivíduos de pouco valor.

Observa-se, na obra *A guerra dos bastardos*, uma intensa guerra violenta por sobrevivência dos protagonistas que pertencem a uma classe social marginalizada, exercem profissões que estão às margens do esquecimento social e são considerados como bastardos, pois não foram criados pela família e, assim, enfrentam o preconceito e o estigma todo o tempo.

O submundo cerca os personagens, no romance, sendo visto através das cenas narradas que detalham a rotina de suas vidas, suas convivências com as diversas mazelas sociais, dentro de espaços urbanos, com ambientes sujos e com mau cheiro. A comparação humana com animais, também, define o submundo e a desumanização vivenciada pelos bastardos.

Entre as cenas é possível identificar o excesso de brutalidade que faz parte do enredo e percorre por vários temas, desde as violências ocorridas dentro dos locais de trabalho até a violência cultural. Uma batalha é travada pelo direito de existir, de ir e vir e os sobreviventes dessa guerra habitam áreas urbanas cheias de conflitos de uma sociedade problemática. Os personagens se tornam perversos e não demonstram nenhum arrependimento quando matam ou agem friamente. Diante disso, o sangue derramado pelas cruéis condutas se tornam normais e fazem parte do cotidiano dos protagonistas devido à falta de alternativas de uma vida humanizada.

## REFERÊNCIAS

BECKER, Howard Saul. *Outsiders: estudos de sociologia do desvio*. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

DIAS, Ângela Maria. *Cruéis paisagens: literatura brasileira e cultura contemporânea*. 1. ed. Niterói: EdUFF, 2007.

ELIAS, Nobert ; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GARBERO, Maria Fernanda. A brutalidade como lugar: os bastardos de Ana Paula Maia. *LL Journal*, Nova York, v. 10, n. 1, 2015. Disponível em: < <https://lljournal.commons.gc.cuny.edu/2015-1-garbero/>>. Acesso em: 1º dez. 2020.

GRÜNNAGEL, Christian “Ir aonde ninguém quer ir”: entrevista com Ana Paula Maia. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* [em linha], (45), 2015, 351-371. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323138448020>>. Acesso em: 30 abril de 2021.

MAIA, Ana Paula. *A guerra dos bastardos*. Coleção Ponta-de-Lança. 1. ed. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Cena do crime: violência e realismo no Brasil contemporâneo*. 1. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

\_\_\_\_\_. *Ficção Brasileira Contemporânea*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP  
COLEGIADO DE LETRAS



**Ata de Apresentação de Trabalho de Conclusão de Curso da/o Graduanda/o CARINA BRITO QUEIROZ PEREIRA.**

Ao vigésimo quarto dia do mês de maio do ano de dois mil e vinte e um, às dezessete horas, na sala virtual pela Plataforma Google Meet do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, reuniram-se a/o Professora/o **MÔNICA GOMES DA SILVA**, na qualidade de orientadora/o e Presidente da Banca de TCC, a/o Professora/o **SILVANA CARVALHO DA FONSECA** e a/o Professora/o **TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO**, como membros da banca, comunidade acadêmica e convidados para apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado: *Bastardia, desmedida e violência em A guerra dos bastardos de Ana Paula Maia*, de autoria da/o discente **CARINA BRITO QUEIROZ PEREIRA**, do Curso de Licenciatura em Letras. Após a apresentação pela/o autora/o e as considerações feitas pela banca, esta se reuniu e deliberou pela aprovação do trabalho, atribuindo-lhe as seguintes notas:

Nota: 8,0 (oito pontos)

Professor (a): **MÔNICA GOMES DA SILVA**

Nota: 8,0 (oito pontos)

Professor (a): **SILVANA CARVALHO DA FONSECA**

Nota: 8,0 (oito pontos)

Professor (a): **TARCÍSIO FERNANDES CORDEIRO**

A/o discente **CARINA BRITO QUEIROZ PEREIRA** foi **APROVADA/O** com a média 8,0 (oito pontos).

*Amargosa/ BA, 24 de maio de 2021.*

**MÔNICA GOMES DA SILVA**  
Presidente da Banca de TCC





Universidade Federal do  
Recôncavo da Bahia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA  
BAHIA  
SISTEMA INTEGRADO DE ADMINISTRAÇÃO

FOLHA DE ASSINATURAS

---

*Emitido em 24/05/2021*

ATA Nº 13/2021 - CFP (11.01.25)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

*(Assinado digitalmente em 24/05/2021 19:50)*

TARCISIO FERNANDES CORDEIRO  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
1835542

*(Assinado digitalmente em 25/05/2021 07:43)*

SILVANA CARVALHO DA FONSECA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
1127040

*(Assinado digitalmente em 24/05/2021 18:41)*

MONICA GOMES DA SILVA  
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR  
1018583

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sistemas.ufrb.edu.br/documentos/> informando seu número: 13, ano: 2021, tipo: ATA, data de emissão: 24/05/2021 e o código de verificação: 4fff938eab



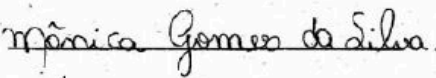
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA – UFRB  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP  
COLEGIADO DO CURSO LICENCIATURA EM LETRAS  
CAMPUS AMARGOSA-BA

---

### DECLARAÇÃO DE ANUÊNCIA

Declaro anuência que todas as correções sugeridas pela banca da defesa, foram realizadas na cópia final impressa e digital do Trabalho de Conclusão de Curso do (a) discente Carina Brito Queiroz Pereira, intitulado Bastardia, desmedida e violência em *A guerra dos bastardos* de Ana Paula Maia.

Amargosa, 14 de junho de 2021.

  
Mônica Gomes da Silva  
Profª Adjunta  
SIAPE 1018583  
CFP - UFRB